

Palestra do Guia Pathwork® n° 159  
Palestra Não Editada  
12 de janeiro de 1968

## A MANIFESTAÇÃO DA VIDA É A EXPRESSÃO DA ILUSÃO DUALISTA

Saudações a todos os queridos amigos aqui presentes. Que o novo ano que começa seja abençoado e bem-sucedido – bem-sucedido do único ponto de vista que realmente importa, e que é o de encontrar o seu verdadeiro eu. A expressão “encontrar o eu real” tem sido tão usada que perdeu parte do significado para muitos de vocês. Isso sempre acontece quando se usa uma expressão com frequência, mecanicamente e sem pensar. Portanto, é necessário refletir profundamente, pensar no significado real dessas palavras.

Quando vocês encontram o verdadeiro eu, inevitavelmente descobrem o verdadeiro significado da vida. Começam a entender a vida de um modo totalmente novo. Assim, também começam a compreender a vida exterior e a manifestação da morte. Uma vez adquirida essa compreensão, nada pode amedrontar ou perturbar vocês. E isso só pode ser entendido quando os processos da vida interior e as leis da vida são percebidos e vivenciados emocionalmente. E isso, por sua vez, não pode ser feito de maneira abstrata e geral ou filosófica. Só pode acontecer de maneira ultra pessoal, através da abordagem mais direta em relação a vocês mesmos e a suas reações subjetivas.

Uma das grandes dificuldades da vida do homem é a curva descendente inevitável em todos os processos de crescimento. A vida é crescimento, e o crescimento é um continuum de movimento que desenha uma linha flutuante. Cada descida traz uma nova subida; cada subida traz necessariamente uma nova descida, para depois subir outra vez. Não pode haver movimento para cima se não tiver havido antes um movimento para baixo. Portanto, não pode haver vida a menos que ela tenha passado por uma forma de morte. Esse ritmo prevalece até a consciência não estar mais dividida como resultado do dualismo ilusório. O movimento para baixo (a morte) representa um lado do dualismo; o movimento para cima (a vida), o outro. A conciliação ocorre quando esses movimentos são seguidos até o fim, experimentados, assimilados, e aceitos como sendo a criação do eu. Quando a curva para baixo provoca medo, luta e esforço contrário, a pessoa luta contra o produto de sua própria criação estando, portanto, em guerra consigo mesma. Isso significa total falta de compreensão das leis da vida e dos fatos da criação no âmbito da própria consciência. O medo da curva para baixo significa medo da mudança; dessa maneira, recorre-se a estagnação como um meio de obter segurança, um meio de evitar o aparente perigo de entrar na curva produzida pelo próprio eu. Essa curva só pode levar ao término da luta quando ela é entendida, aceita e, assim, transcendida.

A mudança das curvas para baixo e para cima manifesta-se de milhares de formas. A mais grosseira é a curva da vida e morte físicas. Ela é muito assustadora apenas porque o pequeno eu cego

não consegue enxergar além da próxima curva, de modo que o quadro todo fica oculto. Assim, ela parece ser um fim, um fim na morte, e não na vida. Na realidade, isso faz parte de uma cadeia que termina em vida, sem a curva descendente. Lutar contra o movimento perpétuo da mudança só faz piorar a experiência subjetiva. No entanto, o medo e a luta também existem nas manifestações menos grosseiras dessa lei da vida. Tomem por exemplo uma viagem, uma mudança de casa ou de cidade. Nesses casos, a pessoa invariavelmente fica deprimida ao terminar uma fase da existência, embora esteja na expectativa de um novo começo. Todo novo começo pressupõe o término da última fase, que finda, ou morre, por assim dizer. Isso se aplica a todos os níveis do ser. No nível físico, é algo óbvio; e mesmo que o homem consiga ver o novo começo após o término da fase anterior, ele luta contra ela – mais ainda quando o novo início não pode ser visto. A mesma lei se aplica ao crescimento e ao movimento interiores. A nova vida, o início de uma nova fase, só pode ocorrer depois da morte do velho, e isso muitas vezes é doloroso. Significa combater em meio ao lixo e à lama dos conceitos errados e da destrutividade. Todos vocês sabem disso e passam muitas vezes por isso no seu caminho. Não há nova expansão sem o movimento descendente do espírito. Traduzindo, isso significa mergulhar nas profundidades do ser interior. Se a dor residir nessas profundezas, ela precisa vir à tona; caso contrário não poderá ser dissolvida. A dor obstrui a luz e, por isso, precisa ser trazida para fora.

Existe um movimento idêntico na respiração, como expliquei anteriormente. É a respiração do espírito, a respiração do universo, como se aplica a toda manifestação individual de vida. Portanto, quando vocês pensarem na sua vida e no seu ânimo, vejam o desânimo como a curva descendente que pressagia a próxima curva ascendente. Tirem o melhor proveito de ambas, sintonizando-se com a inteligência subliminar, que sempre pode ser percebida por quem realmente quiser. Nesse caso, vocês não resistirão à curva para baixo, o que atrasa o início do movimento para cima da respiração e crescimento espirituais. Vocês a seguirão aceitando-a totalmente, estando totalmente nela e com ela. Não pode haver maneira mais construtiva e eficaz de fazer isso do que procurar entender o significado pessoal da curva para baixo, encará-la como sua própria criação, e tentar atingir a maior profundidade interior possível, perguntando: “O que eu criei, e o que isso significa?”.

O que a sua vida significa em termos das leis interiores e dos processos vitais interiores? O que o seu anseio não satisfeito significa nesses termos? O que significam as suas frustrações? Nem é preciso dizer que só é possível examinar plenamente todas essas questões depois que vocês admitirem para si mesmos esses anseios insatisfeitos, o seu descontentamento, as suas mágoas e temores, os seus desejos reais. Uma vez isto feito, com objetividade e honestidade, vocês podem começar a procurar entender por que eles existem e por que esses desejos não são satisfeitos. A própria existência deles na sua vida é tanto uma criação de vocês quanto uma obra prima, uma realização como qualquer ato criativo. A única diferença é que uma vocês criam consciente e deliberadamente, e a outra, inconsciente e despercebidamente. Assim, vocês precisam procurar entender a criação negativa como um produto de vocês. Se não fizerem isso, não poderão desfazer a criação negativa, nem encontrar a glória da vida e suas riquezas, que estão sempre à sua disposição.

Não ver que as criações negativas são um produto seu faz com que vocês inevitavelmente se revoltam contra elas. Dessa maneira, vocês acabam numa situação peculiar, a discórdia interior. O

que uma mão faz, a outra nega e combate, sem saber que aquilo é o produto da outra mão. Assim vocês brigam com o destino, com a vida, com todo o bem que poderia trabalhar a seu favor, bastando para isso que estivessem prontos para tirar as viseiras.

Normalmente, nesse estado de revolta, vocês jogam a culpa sobre alguma coisa ou alguma outra pessoa. Ao agir assim, vocês não estão ligados às causas e aos processos no interior do eu – e esse é o problema de todo o sofrimento. Não importa quantas vezes e com quantas palavras diferentes eu diga, isso ainda não é totalmente observado por nenhum dos amigos que trabalham nesse caminho. Quase todos vocês continuam não percebendo quantas vezes se sentem infelizes e só conseguem encarar essa infelicidade de modo muito vago. Portanto, vocês não conseguem associá-la consigo mesmos. Mas mesmo quando vocês sabem que estão infelizes e encararam as razões exatas desse estado, vocês ainda se revoltam contra ele, como se ele fosse produto de algo além de vocês mesmos. Assim, vocês continuam separados dos seus próprios poderes de criação, apesar de terem reconhecido seus sentimentos. O grandioso processo criativo que está sempre atuante em vocês revela-se muitas vezes primeiramente sob seu aspecto negativo.

Mesmo quando o homem acredita em seu poder criativo, em suas ilimitadas possibilidades, ele imagina que o recebeu como uma espécie de recompensa especial depois de ter superado sua cegueira, sua falta de ligação, suas dificuldades. Ele precisa primeiro tornar-se um “produto acabado”, por assim dizer, para depois poder compartilhar do poder criativo universal. Esse é o vago conceito que a maioria de pessoas, vocês todos incluídos, tem. É uma distorção da realidade. A própria infelicidade de vocês é um produto criativo tanto quanto o bem com que vocês sonham. Enquanto isso não for cabalmente entendido, será impossível tomar parte na criação, moldar o próprio destino, sentir-se seguro e em paz com o mundo.

Vejam, meus amigos, o poder criativo em ação dentro de vocês é tão imenso, tão constantemente operante, que por enquanto vocês não têm noção. Ele opera de acordo com a sua consciência. Isso inclui, é claro, a mente consciente e inconsciente – o seu ser total. O que vocês têm ou deixam de ter é uma criação direta de tudo que pensam, tudo que sentem, tudo que querem. Vocês podem não querer sensatamente, e sem dúvida podem não querer conscientemente, mas inconscientemente querem. Quando entenderem isso completamente, terão entendido a lei da vida. A lei da criação em ação, dentro de vocês, será entendida. E começarão a ter uma vaga ideia do enorme poder de que dispõem.

Trata-se de um poder grandioso. Não permitam que ele funcione sem querer, arbitrariamente, a esmo, através de seus processos de pensamento insensatos, destrutivos, descuidados, seus medos, conceitos errados, ignorância – em resumo, deixando que tanto material permaneça inconsciente e, portanto, desligado de vocês. Pois, nesse caso, os processos destrutivos determinarão a criação de vocês e da sua vida, na medida exata em que eles existem. Muitas e muitas vezes vocês, meus amigos, reagem como se o inconsciente não existisse. Vocês sabem que desejam alguma coisa. Mas, ainda não lhes ocorre que seu próprio inconsciente trabalha na direção oposta ao desejo, se o desejo

permanecer não satisfeito. Vocês não investigam em seu íntimo a razão da insatisfação. Não consideram seu estado um produto de sua própria criação.

Procurem, dentro da sua poderosa substância da alma, as formas que trazem tudo o que vocês têm e tudo o que vocês não têm. A separação entre a sua mente consciente e inconsciente é o seu maior inimigo. Pois no momento em que essa separação for eliminada, vocês deixarão de ser governados por forças interiores que vocês não conhecem e que, portanto, temem. No entanto, o que o homem mais teme, aquilo a que mais resiste, é eliminar essa parede divisória. O homem luta tenazmente para não eliminar essa separação. É uma bobagem muito grande, pois ele só é impotente por causa dessa separação. E somente por causa dessa separação ele é praticamente obrigado a atribuir sua infelicidade a poderes sombrios que parecem não ter nada a ver com ele. Assim, ele teme o mundo, bem como seu próprio ser interior. Como teme seu ser interior, não quer olhar para ele. E como não quer olhar para ele, separa-se dele que parece, assim, algo a ser temido. Não querer olhar tem como resultado lógico a falta de consciência, o desconhecimento do que se passa, não apenas com relação à própria destrutividade inadvertida, mas também com relação ao poder criativo, que poderia trabalhar a favor do homem, e não contra ele. Esse é um dos grandes e importantes círculos viciosos que o homem, teimosamente, se recusa a transformá-lo em benigno.

O poder criativo interior, portanto, não é apenas construtivo, benigno, bom e sábio. Também é destrutivo, vicioso, mau e obtuso. Nem por isso é menos divino, no tocante a sua origem e essência. É erro, conceito errôneo e desejos maus tanto quanto é verdade, realidade e amor. Quero dizer, naturalmente, que ele é assim em sua manifestação atual devido ao estado de espírito temporário do homem. Não significa que seja intrinsecamente assim. O poder opera de maneira eterna, neutra, sem contestação, de acordo com a consciência e a direção da entidade. O poder criativo se expressa através de vocês de acordo com o que vocês são em qualquer momento dado. Ele penetra em todo o seu ser e é moldado por tudo que vocês são, pelo que e como respiram e inspiram, por tudo que pensam, sentem e desejam. É uma expressão de todas as suas atitudes, das mais grosseiras e evidentes até as mais sutis e encobertas. Tudo isso é tão poderosamente criativo que, em comparação, o dinamite e a energia atômica não são nada. Essas energias físicas mencionadas geram um impacto único de enorme efeito físico. Mas a energia da vida é uma força dinâmica sempre em ação, que estampa, molda, dirige poderosamente. E vocês a usam, sabendo disso ou não. Todo pensamento significa usar essa força, todo desejo, todo medo oculto, toda fuga da experiência significa usar essa força.

O objetivo principal de um caminho como este é a percepção dessa verdade, o entendimento desse fato da vida, e a eliminação da parede que separa a mente consciente e inconsciente. Não imaginem que o consciente e o inconsciente são duas mentes diferentes. É uma só e a mesma coisa. Apenas parecem ser diferentes quando a parte inconsciente é descoberta. Depois, parece ser algo totalmente desvinculado das metas e desejos conscientes. Pouco a pouco, quando essas duas partes da individualidade se unem, fica evidente que elas sempre foram a mesma coisa, depois artificialmente divididas, e uma das partes foi “esquecida” e sua existência passou a ser negada.

O mesmo acontece com relação à mente universal. A consciência do homem não é algo separado da consciência universal. De fato, não existe uma linha divisória nítida entre as duas. O que ocorre com o consciente e o inconsciente da personalidade também acontece com a consciência individual e universal. Isso se aplica a suas duas partes, consciente e inconsciente. É impossível determinar onde termina a consciência individual e começa a universal. A mente consciente de vocês, de que dispõem neste exato momento, é a borda da vasta mente universal. Expressar o pensamento de que o homem está ligado à mente universal não é uma representação realmente adequada da verdade, pois isso poderia implicar uma ligação entre duas coisas diferentes. Isso também é enganoso, pois elas não são diferentes na sua natureza, essência e origem. São a mesma coisa. Como aconteceu com o consciente e o inconsciente, elas também estão separadas por falta de percepção.

A mente consciente que vocês expressam na vida cotidiana está separada da vasta mente universal, total, apenas por causa da crença ilusória de que vocês são separados. Vocês não possuem um aspecto dessa mente universal, não são nem mesmo uma parte separada dela. Vocês são ela.

O que agora é inconsciente já foi consciente. Quando falamos de consciente e inconsciente, não se trata de algo que aconteceu a vocês. É algo que vocês fizeram. Vocês tornaram essa parte inconsciente, como continuam diariamente a tornar outros materiais inconscientes. Isso se aplica até ao material que vocês conheciam antes desta vida. Mesmo isso está “momentaneamente esquecido”, porque vocês julgaram mais conveniente esquecer. Por mais inconsciente que uma pessoa esteja do que se passa em seu íntimo, quando é feita a descoberta, é nada mais nada menos que uma redescoberta. Normalmente a pessoa até tem a sensação de ter tido esse conhecimento o tempo todo. Isso se aplica tanto aos fatores psicológicos reprimidos desta vida como às chamadas grandes verdades metafísicas das quais o intelecto não tem ciência. Todo o conhecimento do universo está essencialmente dentro de vocês. A sua consciência se separou dele e, portanto “esqueceu”. Isso é válido para a parte errônea e destrutiva bem como para a mente universal. Vocês são uma manifestação dessa última.

Quando desaparece a separação, a ilusão também se desvanece – ou seja, a ilusão de que vocês são seres separados. O medo de renunciar a essa ilusão é tão trágico porque vocês só acreditam nesse estado separado, ilusório, como se fosse real, como se tivesse identidade. Vocês acreditam que perderão a identidade e, portanto a própria vida, quando perderem a separação. Isso é totalmente falso. A separação precisa desaparecer. A separação existe por causa de inúmeros erros, que ao longo de um caminho como este vocês começam a descobrir e desvendar.

O principal erro desse estado separado é o dualismo: tudo é ou/ou. Já falamos sobre muitos aspectos dualistas, muitas falsas alternativas que trazem aflição e sofrimento ao homem. Ele fica mais e mais perdido numa armadilha porque acha que precisa optar entre alternativas dualistas, e portanto erradas, baseadas em premissas totalmente falsas. Já falei sobre muitas delas, e vocês no seu trabalho individual podem ter encontrado muitas outras que podemos discutir aqui.

Esta noite vou falar sobre um dualismo específico, extremamente importante, muito fundamental, que se baseia, como sempre, em conceitos errôneos. Isso é universal e de uma forma ou de outra, até certo ponto se aplica a todos os seres humanos. A dualidade é a seguinte: prazer em oposição a bondade. Quando digo prazer, isso inclui toda a felicidade pessoal, a realização, a gratificação em todos os níveis, o interesse próprio, a autoafirmação. Quando há dualidade, tudo isso está em contradição com bondade e altruísmo e, portanto precisa ser sacrificado. A faceta oposta dessa dualidade é a privação em nome da decência, da honestidade, da moralidade. “Você precisa ser bom, se não...!” A bondade e o altruísmo passam a significar renúncia a bem-aventurança.

É impossível captar totalmente o quanto essa concepção errada da dualidade é prejudicial enquanto não se considerar com muito cuidado suas ramificações. Sacrificar o prazer inclui tudo. Como a vida é prazer, trata-se de uma renúncia à própria vida. Como a saúde não é possível se não se deixar que a força vital, com todos os seus efeitos prazerosos, vibre pelo corpo, a má saúde é um dos resultados dessa dualidade. O prazer físico intenso é uma necessidade e um anseio legítimo porque faz parte da lei universal da vida. Identidade, autonomia, autoafirmação são aspectos da maturidade e da responsabilidade. São intensamente prazerosos e também precisam ser abandonados quando se acredita que o prazer é errado e, portanto, precisa ser negado. Assim, a pessoa fica num doloroso estado de dependência e falta de identidade, de fraqueza e impotência porque, no fundo, acha que essa é a maneira mais “decente” e “altruísta” de ser. O contrário parece demasiadamente “agressivo”, vigoroso, proibido. Por conseguinte, o prazer espiritual de conhecer o poder interior e o próprio potencial para criar o destino também precisam ser abandonados, quando existe essa dualidade. Isso também parece demasiadamente agradável e “arrogante”, e insuficientemente humilde. Todas essas delícias são abandonadas, com base na falsa convicção de que são erradas. O homem acredita que, caso se afirme dessa maneira, caso arrogue a si os poderes que sempre foram seus, ele será “egoísta e pecador”. No entanto, é somente quando ele é realmente egoísta e pecador (embora não egoísta e pecador devido à sua necessidade de identidade e êxtase) que precisa acreditar nessa falsidade, e por causa dessa falsidade não pode se livrar do verdadeiro egoísmo, cobiça e crueldade.

No momento em que ele efetivamente entende sua liberdade e seus poderes, ele não precisa ser egoísta, cruel nem cobiçoso. Porque então não há falsa alternativa, nem divisão, nem escolha a ser feita entre prazer e bondade. Mas enquanto ele acreditar que, para ser bom precisa renunciar ao prazer, ele oscila entre as duas alternativas. Não consegue se comprometer de todo o coração com nenhum dos caminhos. É impossível para o homem encontrar a paz enquanto achar que essa escolha se impõe a ele. Portanto, ele é egoísta e nega o prazer. Quanto mais se sente obrigado a negar seu próprio prazer, mais egoísta se torna, cegamente tentando preencher o vazio. E quanto mais egoísta se torna, mais ele se pune por causa do egoísmo e se convence de que não merece o prazer.

A delícia de viver, a delícia que é a vida em sua essência, fica necessariamente oculta enquanto existe essa dualidade. Enquanto o homem se desgasta entre essas duas alternativas impossíveis; enquanto acha que precisa escolher entre renunciar a suas esperanças de realização completa em nome da decência e da bondade ou suportar o impacto da maldade (mesmo que seja apenas em sua autoavaliação secreta) para poder sentir o gosto de algumas das delícias que a vida oferece e, intrinsecamente, é.

Trata-se de uma dualidade muito profunda, e quando vocês se olharem lá no fundo descobri-  
rão que vocês também são influenciados por ela, em maior extensão do que acreditam. Essa duali-  
dade não decorre apenas das influências pessoais das condições da infância de cada um. Estas tam-  
bém existiram, naturalmente, mas apenas porque essa é uma distorção geral e universal. A parte des-  
trutiva da consciência universal está profundamente marcada por essa dualidade, está impregnada  
dessas falsas divisões.

Quando uma pessoa chega ao ponto onde profundamente experimenta a unidade original da  
vida a esse respeito, ela descobre a enorme verdade de que não existe tal escolha a fazer; que ela po-  
de buscar todas as delícias, prazeres, realizações, recompensas, êxtase possíveis e concebíveis e ser,  
ao mesmo tempo, completamente generosa, doadora, abnegada. Na verdade, a abnegação e a doação  
não representam uma privação, como teme quem vive na dualidade, e sim um enriquecimento. Tal-  
vez vocês já aceitem isso em tese, mas quando vem o despertar emocional, é algo de abalar o mun-  
do. É como se vocês se livrassem da carga de algemas desnecessárias e descobrissem a grande liber-  
dade do mundo, de crescer, de ser, de buscar e viver a vida. Nesse momento, não há mais empeci-  
lhos para crescer, crescer, crescer - na força, na integridade, no amor e sabedoria, no poder para cri-  
ar, na percepção das coisas como realmente são, na habilidade para sentir o supremo prazer.

Agora, meus amigos, talvez vocês tenham ficado surpresos com a expressão “parte destrutiva  
da consciência universal.” Em geral se supõe que a consciência universal é unicamente construtiva.  
Também aqui são feitas divisões arbitrárias que não existem. Assim como vocês têm um inconscien-  
te pessoal construtivo e destrutivo, também existe a consciência desta esfera terrestre, de cada nação,  
de cada grupo. Como acontece com as pessoas, essa consciência é em parte construtiva e em parte  
destrutiva. O que ela abrange é parcialmente consciente, parcialmente não. Assim como a pessoa é  
uma expressão do divino e pode manifestar seu poder e a bondade unificados quando atinge suas  
profundezas, transcendendo a mente desperta e consciente bem como o inconsciente destrutivo,  
também a consciência grupal, os grupos maiores de pessoas cuja substância vital criativa combinada  
forma uma unidade, conseguem efetuar tal mudança.

Quanto mais pessoas eliminarem os processos conscientes e inconscientes destrutivos e os  
transcenderem, atingindo as profundezas divinas unificadas, tanto mais mudará a consciência do  
mundo. Assim, cada pessoa contribui para a forma do mundo, através de seu próprio desenvolvi-  
mento e crescimento, muito mais do que pode avaliar. Não há outra salvação fora da descoberta do  
alicerce do próprio ser, que é tão vivo, tão poderoso, tão cheio de potenciais e possibilidades – infi-  
nito em bondade, infinito em abundância. Se a inteligência do ego puder aceitar isso como uma pos-  
sibilidade e trabalhar nisso, ativando deliberadamente esse poder, a camada intermediária do erro, da  
destruição e do sofrimento cederá muito mais depressa do que por outra via. Pouco a pouco, vocês  
verão que a substância é a mesma; tudo é essencialmente a mesma matéria vital. Existe um paralelo  
entre a descoberta de que o eu consiste de uma parte aparentemente separada, destrutiva, com von-  
tade própria, e um poder divino infinito, mais oculto (ambos são essencialmente a mente conscien-  
te), e a descoberta da unidade com relação ao prazer, à bondade pessoal e a decência.

Alguma pergunta sobre esse tópico?

PERGUNTA: Quero fazer uma pergunta pessoal que pode ser muito pertinente a esse tópico. Ela tem duas partes e eu gostaria de ouvir seus comentários. Primeiro, tenho estado muito energizada ultimamente, e isso parece ter relação com meu trabalho. Não tenho conseguido dormir e fui obrigada a tomar tranquilizantes outra vez. Em segundo lugar, em breve vou ver uma pessoa de quem fui íntima no passado. Estou muito assustada e tenho sentimentos ambivalentes em relação a essa pessoa e sinto que, na presença dela não vou conseguir me controlar. Acho que o pavor sexual que tenho é muito forte nessa situação.

RESPOSTA: Sim, a sua pergunta é pertinente. Essas duas facetas têm ligação entre si, são interdependentes. O seu estado muito energizado é resultado direto do desvio da força sexual natural. Ela não encontra expressão no prazer, como deveria encontrar. A privação do prazer deixa você doente até certo ponto. O fato de você se proibir, com base em falsos medos e ideias, o prazer intenso em todos os níveis que você deveria sentir gera uma energia que você não tem como assimilar adequadamente. Deve haver uma perpétua renovação de energia na pessoa que funciona saudavelmente. Isso não pode acontecer quando o fluxo da corrente de prazer é deliberada e artificialmente interrompido. O prazer acontece quando o fluxo de energia segue seu curso. Isso resulta em amar, dar e receber, unir, abrir-se às forças da vida e ao eu mais interior com todos os seus poderes, bem como à outra pessoa com quem o prazer é compartilhado. Quando isso vai até o fim, o organismo humano funciona bem. Toda unidade de energia tem seu próprio metabolismo, seu próprio ritmo ou giro. O medo de encontrar essa pessoa se deve ao fato de a energia do princípio do prazer estar fortemente ativada em você. Assim, a sua crença errônea de que a união com o outro sexo e os prazeres dessa união são maus e perigosos vem mais diretamente à tona. E isso é bom, pois permite que você a examine, a veja em ação, veja seu poder dentro da sua consciência, e se convença de que esse medo é despropositado, para que o tempo se transforme em mais um degrau de crescimento para você, se entender o que lhe acontece.

Na sua situação de trabalho, o problema é essencialmente o mesmo. É uma experiência nova para você. É uma boa experiência na medida em que mostra que você dominou uma desvantagem. Mostra que você está enfrentando bem a realidade, muito melhor do que antes. Mostra que você consegue assumir e aceitar determinados aspectos da vida que antes não queria assumir e aceitar. Você fez um bom trabalho, e superou obstáculos e dificuldades internos. Não faz muito tempo que eles pareciam insuperáveis. A sua força pessoal e boa vontade resultaram nesse crescimento, que deve lhe dar prazer. Descobrir a própria força, os recursos, capacidades, resistência, qualquer bom atributo, é um prazer. Poderia ser visto como o conhecimento das infinitas possibilidades de ter o bom, de livrar-se de uma camisa-de-força desnecessária. Mas ainda assim você nega a si mesma esse prazer – o prazer da sua conquista – como nega a si mesma todos os prazeres. É como se houvesse uma película entre você e a experiência, uma película espessa, vitrificada, como uma parede plástica. Essa parede a separa da capacidade de ser tocada pela experiência. Isso não se aplica somente a você, é claro. O crescimento significa, entre outros aspectos, o adelgaçamento gradual até a eliminação final dessa película, para que o homem possa ter experiências diretas. Isso tem um significado profundo, porque enquanto o homem se esquivar dessa experiência direta, sem proteção, ele tem problemas consigo mesmo. Ele se sente necessariamente fraco, dependente, temeroso e, acima de tudo, privado. Quanto mais a pessoa se livra de conceitos errôneos e desperta para a vida, mais fina se torna essa película, e mais ela experimenta diretamente a vida. Quanto mais espessa a camada, mais



cientes vocês devem ficar: “Aqui estou, e lá fora, através dessa película transparente, eu vejo a experiência, mas ela não me toca.” Sempre que a experiência os toca, porque há emoções presentes, vocês se encolhem, amedrontados. Esse medo é uma conclusão errada. A experiência do prazer, assim como do desprazer, não pode jamais lhes fazer mal, a menos que acreditem que lhes fará mal. E só fará mal porque vocês se protegem da experiência, se fecham para ela. É isso que faz mal. Os estados de ansiedade que vocês experimentam decorrem exclusivamente do medo do prazer e do desprazer – em outras palavras, do medo de ser tocado pela experiência e da construção de uma parede para proteger-se dela.

Para sair desse estado, vocês precisam reconhecer que o seu inconsciente ainda não está tão disposto quanto a sua mente consciente. Aceitem isso por enquanto, pois esse é o pré-requisito para influenciá-lo. Lidem com o inconsciente resistente de uma maneira inteligente. Falem com ele de maneira descontraída. Digam: “Você está errado ao temer a experiência. Nada de mal pode me acontecer se eu tiver prazer, nem se eu me magoar ou decepcionar. Esses medos são ilusórios. Quero a força que é essencialmente minha. Invoco os poderes que existem em meu eu mais profundo e não os falsos medos e ideias. Não quero mais rejeitar a experiência. Meu medo dos chamados bons ou maus acontecimentos baseia-se na ilusão”. Com isso aprenderão, pouco a pouco, a deixarem-se experimentar o que aparecer em seu caminho. Deixem acontecer, não afastem a experiência.

Que todos adquiram um entendimento mais verdadeiro da glória da vida, com o qual verão, cada vez mais, que não há nada a temer, absolutamente nada a temer, que o seu medo é uma ilusão. Medo e ilusão são sinônimos, como vida e prazer são sinônimos. Sejam abençoados, fiquem com Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.